



verve

LOUCURA

LOUCURA¹

*beatriz scigliano carneiro, cecilia oliveira,
eliane knorr, leandro siqueira*

abertura: O Rei da Espanha

No hall de entrada do teatro circulam os loucos. O rei é vestido com um manto e um cetro de luz fluorescente.

Gus-Rei:

“ (...) o trono [da Espanha] está vago (...). Dizem que uma certa dona deve subir ao trono. (...) De jeito nenhum. Quem deve ocupar o trono é o rei. [Hoje, Martubro, dia 86. Entre o dia e a noite.] (...) Não havia como tirar da cabeça as notícias da Espanha. Como é que uma dona pode chegar a ser rainha? Isso não vai ser permitido. (...) Confesso que esses acontecimentos me deixam tão arrasado e transtorna-

Beatriz Scigliano Carneiro é pesquisadora no Nu-Sol, doutora em Ciências Sociais pela PUC-SP e publicou o livro Relâmpagos com claror: Lygia Clark, Hélio Oiticica, vida como arte. São Paulo, Imaginário/FAPESP, 2004. Cecília Oliveira é pesquisadora no Nu-Sol, mestre e doutoranda em Ciências Sociais na PUC-SP. Eliane Knorr de Carvalho é pesquisadora no Nu-Sol, mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP. Leandro Siqueira é pesquisador no Nu-Sol, mestre e doutorando em Ciências Sociais na PUC-SP.



do que passei o dia todo sem conseguir me ocupar decididamente de nada. (...) passei a maior parte do tempo deitado na cama, matutando sobre os problemas da Espanha. (...) [Neste dia] não fui ao departamento. Que fique com o diabo! (...) Hoje é o dia da mais grandiosa festa! [Ano 2000. Dia 43 de abril.] A Espanha tem rei. (...) Confesso que me senti como se de repente um raio me houvesse iluminado (...)”². Mavra! Mavra! Eu sou o rei de Espanha! Você nunca tinha visto o rei de Espanha. Felipe VIII ! Não vou te fazer mal! Não sinto nenhuma raiva pelo fato de você limpar muito mal minhas botas! Não sou o sanguinário Felipe II, entre mim e ele não há qualquer semelhança.

Cecília-Mavra:

QUE DIA É HOJE?

Todos se agitam diante do possível início da anamnese procurando descobrir que dia é hoje.

Gus-Rei:

“No entanto ainda não ousou apresentar-me à Corte. Até agora não chegou a deputação da Espanha. Sem deputados não é conveniente (...).

Cecília-Mavra:

[Chegaram! Vamos entrar majestade!]

Abrem-se as portas do teatro. O Rei, acompanhado por sua corte de loucos, entra no teatro seguido pelo público.

Gus-Rei:

Madri, 30 de fevereiro. Eis-me, na Espanha, e isso aconteceu com tanta rapidez que quase não me dei conta. Hoje pela manhã apareceram-me os deputados espanhóis e tomei a carruagem com eles. (...) Viajamos com tanta rapidez que em meia hora [meia hora! Saímos de Petersburgo



verve

LOUCURA

e] chegamos à fronteira espanhola. (...) País estranho essa Espanha: (...) na primeira sala, vi uma infinidade de pessoas de cabeças raspadas (...). [São os soldados da corte.]

O rei atravessa o corredor da sala seguido pela corte que segura sua capa.

Cabelo:

[Já para sua cadeira!]

Bia:

(...) Fica aí sentado e se disseres que és o rei Fernando, eu acabo com essa tua vontade (...).

Gus-Rei:

[Que modos esquisitos esses do chanceler! Ah!] (...) lembrei de que se trata[va] de um costume da cavalaria [espanhola] aplicado a pessoas que assumem altos postos (...). [Agora vou] me dedicar a assuntos de Estado. Descobri que a China e a Espanha são exatamente o mesmo território e só por ignorância são considerados Estados diferentes (...)"³. (*Dirige-se à plateia.*) Peguem os papéis, peguem os papéis ... pegaram? Agora escrevam a palavra Espanha. (*Aguarda que a plateia escreva*) O que está escrito?

Todos:

Espanha.

Gus-Rei:

NÃO ! É China (*Tira do manto a palavra China; O manto é retirado do Rei*). "Dia 34 de fevereiro [do ano da graça de] 349. Não tenho mais forças para suportar. (...) O que eles estão fazendo comigo?! (...) Não dão atenção, não me veem, não me ouvem. Que mal eu lhes fiz? Por que me maltratam? O que querem (...) de mim? O que lhes posso dar? Eu não tenho nada. (...) minha cabeça arde (...)"⁴. Socorro!



Acácio:

“Olham-se os quartos e todos aqueles homens, muitas vezes moços, sem moléstia comum, que não falam, que não se erguem da cama (...), que se urinam. (...) Parece tal espetáculo com os célebres cemitérios de vivos que um diplomata brasileiro, (...) diz ter havido em Cantão, na China. (...) Nas imediações dessa cidade, um lugar apropriado de domínio público era reservado aos indigentes que se sentiam morrer. Dava-se-lhes comida, roupa e o caixão fúnebre em que se deviam enterrar. Esperavam tranquilamente a Morte.

Lili:

(...) aquelas sombrias vidas sugerem a noção [de que] em torno de nós, de nossa existência e a nossa vida, só vemos uma grande abóbada de trevas, de negro absoluto.

Sofia:

(...) Não é mais o dia azul-cobalto e o céu ofuscante, não é mais o negror da noite picado de estrelas palpitantes; é a treva absoluta, é toda ausência de luz, é o mistério impenetrável e um *não poderás ir além* que confessam a nossa própria inteligência e o próprio pensamento”⁵.

Leandro:

“Eu me chamo Jonas Prats. Jonas bíblico, que ficou na barriga de um grande cetáceo, de um grande peixe. Ficou três dias. Depois Deus lhe destinou um povo confuso... O que ele viu na barriga da baleia? (...) terror, dor, sofrimento. Ao fim de três dias seu corpo, sua pele sofria uma transformação química. Eu estou aqui como Jonas. Vejo dor, sofrimento. É diferente, porque Jonas estava na barriga da baleia, sem luz, (...) eu ainda vejo um pouco de luz, um pouco de sol. E eu também aqui sofro uma transformação química, sabe o que é? Um elemento se



verve

LOUCURA

transforma no outro. Estou saturado. Pareço que não. Mas estou. Estou há quase sete anos aqui. Saturado”⁶.

Sofia:

“Três meses depois, Jonas assassinou um outro preso no Manicômio Judiciário”⁷.

cena 1: *Landscape*

Lili-Alice:

“Que tipo de gente vive por aqui? (...) eu não quero ir parar no meio de gente maluca.

Leandro:

Ah, mas não adianta nada você querer ou não. (...) Nós somos todos loucos por aqui. Eu sou louco, [ele é louco] você é louca.

Lili-Alice:

E como é que você sabe que eu sou louca? (...).

Todos-coro:

[Acorda, Alice]!

Leandro:

Bem, deve ser (...) ou então você não teria vindo parar aqui”⁸.

Lili:

“Viajo para conhecer minha geografia”⁹.



cena 2: ideia fixa

Acácio:

“Cuidado, rapaz! Tens a cabeça cheia de fantasmas, tens muitas obsessões!”

Bia:

Imaginas coisas grandiosas e inventas todo um mundo de deuses à tua disposição, um reino de espíritos que te chama, um ideal que te acena.

Todos-coro:

Tens uma ideia fixa! (...).

Acácio:

E não penses que estou brincando ou falando por metáforas quando considero os homens presos a essa ideia do superior (...) como verdadeiros loucos, loucos de manicômio.

Leandro:

O que é, afinal, uma ‘ideia fixa’?

Acácio:

É uma ideia à qual uma pessoa se subjugou.

Bia:

Se reconhecerdes nessa ideia fixa um sinal de loucura, metes o escravo dela em um manicômio. (...)

Acácio:

Toque-se na ideia fixa de um desses alienados, e quem o fizer terá imediatamente de se precaver contra a resposta traiçoeira desses loucos.



LOUCURA

Bia:

(...) Se um pobre diabo encerrado em um manicômio está dominado pela louca ideia de ser Deus-pai, o imperador do Japão, o Espírito Santo (...).

Acácio:

(...) ou se um burguês acomodado imagina que seu destino é ser um bom cristão, um protestante crente, um cidadão leal, um homem virtuoso (...).

Acácio e Bia:

ambas as coisas são uma e a mesma ‘ideia fixa’¹⁰.

Cecília:

Que dia é hoje?

parte I: O louco, o anormal e o perigoso

cena 3: Nau dos loucos

Acácio:

A loucura estava “ligada (...) a todas as experiências maiores da Renascença. (...) [Dentre as figuras principais está]

Todos:

a Nau dos Loucos.

Acácio:

[O] estranho barco que desliza[va] ao longo dos calmos rios da Renânia e dos canais flamengos (...).

Leandro:

A loucura e o louco tornam-se personagens maiores em



sua ambiguidade: [de um lado], ameaça e irrisão, [o] vertiginoso desatino do mundo, e [de outro o] medíocre ridículo dos homens”¹¹.

Gus:

“(...) confiar o louco aos marinheiros é (...) evitar que ele ficasse vagando indefinidamente entre os muros da cidade, é ter a certeza de que ele irá para longe, é torná-lo prisioneiro de sua própria partida.

Acácio:

(...) Fechado no navio, de onde não se escapa, o louco é entregue ao rio de mil braços, ao mar de mil caminhos.

Leandro:

(...) a terra à qual [o louco] aportará não é conhecida, assim como não se sabe, quando desembarca, de que terra vem. Sua única verdade e sua única pátria são essa extensão estéril entre duas terras que não lhe podem pertencer”¹².

cena 4: Corpo útil

Sofia:

“a partir do século XVII (...), a existência de (...) pessoas [errantes e loucas] não foi mais tolerada.

Bia:

Em resposta às exigências da sociedade industrial, criaram-se, quase simultaneamente, na França e na Inglaterra, grandes estabelecimentos para interná-los.

Lili:

Não eram apenas os loucos que se colocavam neles; eram



LOUCURA

também os desempregados, os doentes, os velhos, Todos que não podiam trabalhar”¹³.

Bia:

“é dito: pelo chão você não pode ficar
porque lugar de cabeça é na cabeça
lugar de corpo é no corpo
pelas paredes você também não pode
pelas camas também você não vai poder ficar
pelo espaço vazio você também não vai poder ficar
porque lugar de cabeça é na cabeça
lugar de corpo é no corpo”¹⁴.

Sofia:

“Eu estava com saúde
Adoeci
Eu não ia adoecer sozinha não
Mas eu estava com saúde
Estava com muita saúde
Me adoeceram
Me internaram no hospital
E me deixaram internada
E agora eu vivo no hospital como doente
O hospital parece uma casa
O hospital é um hospital”¹⁵.

Gus:

“(…) o hospital psiquiátrico tem uma função muito mais simples (...) dar realidade à loucura, abrir à loucura um espaço de realização”¹⁶.

Sofia e Cecília:

“[Passarinho] na gaiola fez um buraquinho
Voou, voou, voou, voou
E a menina que gostava tanto do bichinho
Chorou, chorou, chorou, chorou”¹⁷.



cena 5: *Dottore del buco del culo* e os inclassificáveis

Quatro homens e uma mulher estão imóveis, empalhados, duas pupilas de Cesare Lombroso os arrumam para a chegada do professor. Este entra com uma sonoridade cômica ao fundo. Lombroso é uma figura disforme.

Cecília-Lombroso:

Há tantas rebeliões pela Europa nesse nosso fim de século XIX... Ah! Que belo trabalho de coleta fizeram. Exce-lentes exemplares de degenerados aqui estão! Primeiro, o sifilítico [Leandro]; segundo, a prostituta-histérica [Lili]; temos também o batedor de carteiras homossexual [Gus] e o onanista [Acácio]!

Bia:

Conseguimos exemplares em que se comprova que os distúrbios sexuais demonstram a inadequação a uma vida decente em família ... associada ao desrespeito à propriedade e ao trabalho honesto.

Cecília-Lombroso:

Excelente! As anomalias sexuais agora são também alvo de nossa ciência... Ah! E o louco, o anarquista [Andre]!

Sofia:

“A antropologia [criminal] parece nos dar os meios de diferenciar a verdadeira revolução, sempre fecunda e útil, da sublevação, da rebelião, que é sempre estéril”¹⁸.

Cecília-Lombroso:

De fato! É “possível provar que os movimentos [de rebel-dia] atuais são obras de homens pertencentes a uma classe biologicamente, anatomicamente, psicologicamente, psi-quiaticamente desviante!”¹⁹



verve

LOUCURA

Gus:

“Os grandes revolucionários (...) Mazzini, Garibaldi, Gambetta, Charlotte Corday e Karl Marx (...) [são] quase todos santos e gênios, e (...) [têm] uma fisionomia maravilhosamente harmoniosa. (...)”

Acácio:

[Mas, olhando] as fotos de (...) anarquistas de Paris, percebe-se que 31% (...) tinham estigmas físicos graves. Em cem anarquistas detidos em Turim, 34% não tinham a fisionomia (...) harmoniosa (...)

Lili:

o que é um sinal de que o movimento político que eles representam é um movimento que merece ser historicamente e politicamente desqualificado, pois que já é fisiologicamente e psiquiatricamente desqualificado”²⁰.

Cecília-Lombroso:

Muito bem! Salvo pouquíssimas exceções, como o príncipe Kropotkin, Reclus, Ibsen, é certo que os autores mais ativos da ideia anárquica são loucos ou criminosos, ou ambos ao mesmo tempo. Nunca vi nenhum anarquista com o rosto simétrico e não lhes falta outra marca dos criminosos natos: a tatuagem.

Sofia e Bia:

É preciso acabar com essa corja, na forca! Na guilhotina.

Cecília-Lombroso:

Calmaaa, minhas discípulas. Os anarquistas na sua maioria são loucos, e para os loucos não é preciso forca, nem a prisão, mas o manicômio.²¹

Lombroso e as discípulas ficam imobilizados, o anarquista e os demais saem do grupo de empalhados:



Andre:

“Foi esse tipo de descrição, esse tipo de análise, esse tipo de desqualificação que a psiquiatria, assumiu. Entre 1840 e 1870-1875, vemos constituírem-se três novos referenciais para a psiquiatria:

Gus:

um referencial administrativo, sobre um fundo de ordem coercitiva;

Lili:

um referencial familiar, que recorta a loucura sob um fundo de sentimentos, de afetos e de relações obrigatórias;

Acácio:

um referencial político que isola a loucura sobre um fundo de estabilidade e de imobilidade social”²².

Os anormais atacam Lombroso.

cena 6: Pele

Lili:

— Se você não parar quieta, minha filha...
— ?
— Tá vendo aquela chaleira de água pelando?”²³

Acácio:

“Ele confisca a chupeta da filha, que se consola sugando os pequeninos dedos.

Gus:

Ah, é? Não aprende?



LOUCURA

Acácio:

E o pai queima com a brasa do cigarro todos os dedinhos²⁴.

Bia:

“Um pai de família, querido e famoso fazia décadas por seu dito senso familiar extraordinário e que, num sábado à tarde, quando por certo o tempo estava muito abafado, matou quatro de seus seis filhos, justificou-se [assim] no tribunal:

Acácio:

... os filhos se tornaram demais para mim²⁵.

Bia:

“Os homens queriam que ele contasse (...)

Sofia:

Wagner se negava a responder, alegando não saber de nada (...)

Leandro:

Falava gesticulando com as mãos perto do rosto. Isso se prolongou por toda uma noite.

Bia:

Amanhecia, quando chegou um delegado de cara brava, olhos verdes e que falava gritando (...). Era tratado por delegado Flores. (...)

Leandro:

[Wagner] (...), desesperado, pedia que não batessem mais nele e que o delegado não o matasse, fazendo sua afitiva mímica com as mãos.



Sofia:

O delegado gritou (...):

Cecília:

[Pare com esses movimentos! Me deem uma machadinha] (...)

Bia:

O homem de olhos verdes pegou a machadinha e gritou que ele parasse de mexer as mãos. Mas Wagner não conseguia (...)

Cecília:

[Pare de se mexer... não vai parar?]

Sofia:

Então o delegado agarrou-o pelos braços, primeiro o direito e depois o esquerdo, e com duas machadadas decepou lhe as mãos.

Leandro:

A partir desse dia, Wagner ficaria mudo, depois de contida a hemorragia num hospital militar, foi internado num sanatório para loucos”²⁶.

Acácio:

“As marcas de (...) [décadas] de repressão estão por aí e por desídia, muitos a ignoram. Durante os chamados anos de chumbo, os militares perseguiram, prenderam, torturaram e mataram, pensando quebrar a resistência de jovens subversivos que faziam agitação política e terrorismo para derrubar o governo dos militares. Não conseguiram.

Lili:

Alguns poucos não suportaram e, antes de dobrarem, sui-



LOUCURA

cidaram-se. Outros resistiram e ficaram com as marcas no corpo e a dor da perda de amigos e parentes queridos, fazendo delas combustível para a luta”²⁷.

cena 7: Emoção de lidar

Salete (*fala da plateia*):

“Os meus grandes mestres são os doentes. O que eles dizem tem uma importância muito grande. Em vez de dizermos ‘terapia ocupacional’ que é pesado como um paralelepípedo, a pessoa [quase] tem vontade de agredir (...) quando usa essa expressão, vamos usar essa [outra] expressão tão sutil e tão rica que é a *emoção de lidar*”²⁸.

cena 8: Rita Rovira

Doutor Freud [Andre] sentado em uma cadeira no palco; entram Rita Rovira [Lili e Acácio] circulando sem parar.

Lili:

“Era conveniente para mim que o doutor pensasse coisas desse tipo,

Acácio:

porque me interessava ficar no sanatório, mas não me fazendo de

Lili:

louca o tempo todo, que é uma coisa incômoda, além de chata

Acácio:

e complicada; (...) optei por uma fórmula intermediária, ou



Lili:

seja, comportar-me como uma pessoa sensata, que, às vezes, como todo mundo

Acácio:

se extravia. Confiei que assim,

Lili:

misturando loucura e sensatez, conseguiria manter

Acácio:

o doutor em suspenso, hesitando

Lili:

em um diagnóstico incerto,

Acácio:

o que me permitiria ganhar tempo,

Lili:

para poder ficar no sanatório e localizar

Lili e Acácio:

minha amiga Rita Rovira,

Lili:

que era o que me interessava.

Acácio:

[que é o que me interessa].

Lili:

(...) enquanto eu não senti[a] mais do que indiferença



LOUCURA

absoluta pelo mundo, achando-o sempre cinza e me limitando a passar por ele na ponta dos pés e escondendo, em lugar de exibir, meu profundo mal-estar e meu tédio,

Acácio:

Rita, ao contrário, sempre se divertiu - grande mistério! - colecionando ou roubando carros esportivos, jóias hindus, e, sobretudo, maridos, arruinando-os com sua tendência atarantada para o jogo e, especialmente, com sua grande e incrivelmente envolvente -

Acácio e Lili:

daí minha secreta admiração - vitalidade”²⁹.

Acácio:

Rita?

Lili:

Ritaaaa!

Acácio:

“(...) eu tinha ido a esse manicômio precisamente buscando a confirmação de uma grande suspeita: a de que a solidão

Lili:

é impossível, pois está povoada de fantasmas. E eu tinha ido a esse manicômio precisamente buscando esse momento único que, após ser guiada por uma obscura, mas certa

Acácio:

intuição tinha acabado por encontrar na intensidade e na agitação do olhar de minha amiga mais terna,

Lili:

mais louca e



Acácio:

mais inseparável (...).

Lili:

Fui ao consultório do doutor Freud e me despedi dele:

Ritas dirigem-se ao doutor Freud.

Acácio:

‘Vim ver minha amiga Rita Rovira, e...

Lili:

e já a vi, de modo que estou indo”³⁰.

Lili e Acácio:

Tchau...

Andre-psiquiatra:

“Aqui não há nenhuma Rita Rovira. Essa tal amiga é invenção sua [sua]!”³¹

Ao mesmo tempo, as duas saem rindo.

Bia:

“A psiquiatria, em sua história, não nos parece ter se constituído em torno do conceito de loucura, e sim, ao contrário, no ponto onde esse conceito tinha dificuldades de aplicação. A psiquiatria chocou-se, de fato, com o problema dos delírios sem déficit intelectual. (...)

Sofia:

[O psiquiatra] é tomado na dissociação do conceito de loucura: é acusado de tratar como louco pessoas que não o



LOUCURA

são exatamente, e de não ver a tempo a loucura de outras que o são efetivamente.

Gus:

A psicanálise se imiscuiu entre esses dois pólos, dizendo, a um só tempo, que éramos todos loucos sem parecer, mas também que parecíamos loucos sem o ser”³².

Salete (*da plateia*):

“Talvez, um dia, não saibamos mais muito bem o que pode ter sido a loucura. Sua figura terá se fechado sobre ela própria, não permitindo mais decifrar os rastros que ela terá deixado”³³.

Talita dança.

parte II: Controles, capturas e incapturáveis

cena 9: Novos controles

Todos no palco movimentam-se dentro de um elástico, impulsionados para diversas direções.

Acácio:

“Encontramo-nos numa crise generalizada de todos os meios de confinamento, prisão, hospital, fábrica, escola, família.

Gus:

(...) mas todos sabem que essas instituições estão condenadas, num prazo mais ou menos longo.

Bia:

São as sociedades de controle que estão substituindo as sociedades disciplinares.



Acácio:

Formas ultra-rápidas de controle ao ar livre substituem as antigas disciplinas que operavam na duração de um sistema fechado”³⁴.

Lili:

“Prepara-se o definhamento do asilo ao se propor uma ‘psiquiatria de setor’ fora dos muros do asilo,

Gus:

uma psiquiatria aberta, múltipla, facultativa que, em vez de deslocar e isolar os doentes, os deixaria em seu lugar, em seu ambiente, [na comunidade].

Bia:

Mas, estaremos nós em ruptura com a psiquiatria do século XIX e com o sonho que ela trazia?

Acácio:

O ‘setor’ não seria um outro modo, mais maleável, de fazer funcionar a medicina mental como uma higiene pública, presente por toda parte e sempre pronta a intervir?”³⁵

Lili:

“Na crise do hospital como meio de confinamento, a setorição, os hospitais-dia, o atendimento a domicílio puderam marcar de início novas liberdades,

Gus:

mas também passaram a integrar mecanismos de controle que rivalizam com os mais duros confinamentos”³⁶.

Acácio:

“Não se deve perguntar qual é o regime mais duro, ou o mais tolerável, pois é em cada um deles que se enfrentam as liberações e as sujeições.



verve

LOUCURA

Gus:

(...) não cabe temer ou esperar, mas buscar novas armas”³⁷.

Livres do elástico e armados, todos dançam pelo palco, até o final da música.

cena 10: Moderados

Todos sentados em roda no palco. Cecília em pé.

Cecília:

“Caboclo do alto da serra, seu grito é de paz ou guerra?”³⁸

Todos:

paaaaaaaaaaaaaz!

Todos que estão sentados abrem o jornal e simulam leitura. Entra Leandro.

Leandro:

“Não devemos nos preocupar tanto conosco, com o nosso eu, pois dizem que a consciência é simplesmente uma neuroquímica que logo conheceremos!”³⁹

Todos se levantam e preparam-se para inauguração do CAPS para normais.

cena 11: CAPS para normais e a normalização do normal

Duas apresentadoras [Sofia e Lili] ao microfone interagem com a câmera e com os demais; jornalista [Acácio] tira fotos; autoridade pública [Bia] corta a fita de inauguração; atendido do CAPS [Leandro]



comemora a inauguração; um trio [Cabelo, Cecília e Gus] toca um sambinha. Talita samba ao fundo. Cerimônia de inauguração.

Sofia:

Jamais imaginamos que os centros de atenção psicossocial, os CAPS, teriam um papel tão importante para nossa sociedade.

Lili:

Eles já nasceram para trazer mais saúde mental para as comunidades, são muito diferentes dos manicômios que só cuidavam de doentes mentais.

Sofia:

Para quem não gosta de internamentos, ou de medicalização, também temos alternativas:

Lili:

Explore sua criatividade ao máximo com terapias baseadas na arte, na cultura, no teatro, na dança, na música e na meditação.

Sofia:

Hoje inauguramos o CAPS para normais. É uma data histórica na democrática prevenção da loucura.

Lili:

No CAPS/N todos têm direito ao gratuito acompanhamento edu-neuro-científico, graças às políticas públicas, adotadas em comum acordo com as diretrizes da organização planetária de saúde mental.

Sofia:

É mais felicidade, mais tranquilidade, é mais ...



LOUCURA

Todos:

... qualidade de vida!

Sofia:

Afinal, quem não quer ser normal?

Todos:

Quem não quer ser normal?

As pessoas saem da bolacha, pegam celulares e laptops e sentam-se novamente para consultá-los.

Bia:

“A sociedade de controle não suporta resistências contínuas e pretende dissolvê-las pelas práticas da inclusão e por ampliação de penalidades, próprias dos controles jurídicos, policiais e normalizadores.

Acácio:

Se na sociedade disciplinar havia o sistema de recompensas reforçando o consenso sobre a aplicação de punições, na sociedade de controle os fluxos de penalidades se expandem para normalizar os normais, provocando o apreço pelos controles e abjuração a qualquer desvio”⁴⁰.

cena 12: Intransferível

Todos em pé.

Cecília:

“Caboclo do alto da serra, seu grito é de paz ou guerra?”⁴¹

Todos:

Guerra!



Gus:

“eu: pronome pessoal e intransferível. viver: verbo transitório e transitivo, transável, conforme for. a prisão é um refúgio: é perigoso acostumar-se a ela”⁴².

Bia:

“A história do desaparecimento do sujeito no ocidente não começa com o nascimento do sujeito nem termina com sua morte,

Acácio:

mas é a história de como as tendências do sujeito ocidental a se autoafirmar como fundamento o conduzem a uma estranha vontade de autoaniquilação,

Leandro:

e de como essas tentativas *suicidas* são por sua vez esforços para a afirmação do eu”⁴³.

cena 13: Sociedade infecta

Gus sentado na frente do palco; Lili rodopia ao fundo do palco.

Gus:

“(…) uma sociedade infecta inventou a psiquiatria, para defender-se das investigações feitas por algumas inteligências extraordinariamente lúcidas, cujas faculdades de adivinhação a incomodavam”⁴⁴. Eu, Antonin Artaud, escrevo uma carta aos médicos-chefe dos manicômios: “Senhores, (...) quantas são as [vossas] tentativas nobres de chegar ao mundo cerebral onde vivem tantos dos vossos prisioneiros? Quantos (...) [dos senhores] acham que o sonho do demente (...), as imagens pelas quais ele é possuído, são algo mais que uma saladinha de palavras?”⁴⁵



LOUCURA

Lili:

“Olha quantos estão comigo
Estão sozinhos
Estão fingindo que estão sozinhos
Pra poder ficar comigo”⁴⁶.

cena 14: Irremediável

Acácio e Gus conversando na frente do palco.

Acácio:

“Tudo que chega fácil vai embora fácil, teria gostado de lhe dizer, sempre fui um anticapitalista convicto, mas não disse, porque vi sua cara de tristeza e porque o pobre homem parecia cansado. Conversamos por um bom tempo. Creio que falamos do tempo e da linda paisagem que se vê do hospício.

Gus:

‘Eu preciso contar a você.’

Acácio:

(...) ‘O que você queria me contar, Álvaro?’. (...)

Gus:

‘O prêmio Laura Damián acabou.’

Acácio:

Gostaria de ter perguntando por quê, mas pensei que muita gente, principalmente aqui, tem muitas coisas a me dizer e que esse impulso de comunicabilidade é algo que geralmente me escapa, mas que aceito sem reservas, totalmente, não se perde nada por ouvir. Álvaro Damián foi



embora, e vinte dias depois minha filha veio me visitar, e disse: (...)

Gus:

‘... Papai, eu não devia lhe dizer isso mas acho que é melhor que você saiba.’

Acácio:

(...) ‘Conte, conte, sou todo ouvidos’. (...)

Gus:

‘Álvaro Damián deu um tiro na cabeça.’

Acácio:

‘Mas como Alvarito pôde fazer semelhante barbaridade?’

Gus:

‘Os negócios dele iam mal, estava arruinado, já tinha perdido quase tudo.’

Acácio:

‘Mas podia ter vindo para o hospício também.’ (...)

Gus:

‘... As coisas não eram tão fáceis assim.’

Acácio:

Quando ela foi embora, eu fiquei pensando em Álvaro Damián, e no prêmio Laura Damián que tinha acabado, e em todos os loucos de El Reposo, aqui ninguém tem onde descansar a cabeça, e no mês de abril, mais do que cruel, desastroso, e então soube sem sombra de dúvida que tudo iria de mal a pior⁴⁷.



cena 15: Antes do fim

Sofia:

“Entre o final da 2ª Guerra Mundial e a derrocada do socialismo soviético, na década de 1980, no vaivém dos intrigantes movimentos de contestação, defesa de direitos e reformas das instituições austeras,

Gus:

a punição aos chamados comportamentos criminosos foi ampliada por meio da combinação de sentenças de encarceramentos em prisões - com planejada segurança eletrônica - e medidas alternativas de punição e vigilância aplicadas a céu aberto.

Lili:

Foi assim [também] no âmbito do controle da loucura como doença mental: abandonou-se, gradativamente, o manicômio em função da medicação em unidades de atendimento ambulatorial descentralizadas.

Acácio:

Inaugurou-se, para o crime e para loucura, a era das soluções alternativas, redesenhando e normalizando as contestações radicais advindas dos movimentos libertários antipsiquiátricos e pelo fim das prisões, dos quais, inclusive, emergiu o abolicionismo penal.

Leandro:

O refluxo conservador dos anos 1980 em diante levou não só a uma desconstrução desses movimentos contestadores como também à captura de grande parte das suas lideranças, renomeando-os como luta antimanicomial e por uma justiça penal alternativa, incluindo a todos na utopia do fim das impunidades.



Bia:

A normalização *moderadora* mostrou sua força, readequando os contestadores, capturando suas energias políticas e reiterando que a relação doença social-cura (da pessoa, dos grupos e da sociedade) depende das ciências médicas, das ciências humanas com seus diagnósticos, relatórios e prognósticos, da reforma moral pelo trabalho e religião, e também de dispositivos eletrônicos de controle (...)⁴⁸.

Todos se levantam e saem. Ficam apenas Acácio e Gus em pé no palco.

cena 16: Amigos

Acácio:

“Na noite em que (...) conheci [Vincent Van Gogh,] o holandês louco, (...) [ele me felicitou]

Gus:

‘Vi (...) seus quadros da Martinica. Formidáveis! Não foram pintados com o pincel, mas com o falo’.

Acácio:

Dois dias depois, Vincent (...) [foi] à casa (...) onde (...) [eu] estava hospedado (...). O holandês louco contemplou os quadros de todos os ângulos e sentenciou:

Gus:

‘Esta é a grande pintura, sai das entranhas, do sangue, como esperma do sexo’.

Gus:

(...) ‘Eu também quero pintar meus quadros com meu falo, ensina-me como’.



LOUCURA

Os dois amigos se abraçam. Duas amigas entram abraçadas.

Lili:

Assim começou sua amizade (...)”⁴⁹.

Bia:

Depois eles quase se mataram... de verdade!

Lili:

É...

Bia:

É...

cena 17: Charme e loucura

Da plateia: Lucia, Salete, Andre e Aline.

Lúcia:

“Por que se é amigo de alguém? Para mim, é uma questão de percepção...”

Salete:

há uma percepção do charme.

Andre:

Ser amigo é ver a pessoa e pensar: ‘O que vai nos fazer rir hoje?’. ‘O que nos faz rir no meio de todas essas catástrofes?’

Aline:

As pessoas só têm charme em sua loucura, eis o que é difícil de ser entendido.



Salete:

O verdadeiro charme das pessoas é aquele em que elas perdem as estribeiras, é quando elas não sabem muito bem em que ponto estão.

Lúcia:

Não que elas desmoronem, pois são pessoas que não desmoronam.

Andre:

Mas, se não captar aquela pequena raiz, o pequeno grão de loucura da pessoa, não se pode amá-la. Não pode amá-la”⁵⁰.

Todos se aproximam do palco e vão em direção à plateia.

Gus:

“Meus amigos são uns vagabundos
Exibem-se sem pudor, bebem aos montes
Não dão bolas para instruções
E zombam de questões importantes.

Acácio:

Meus amigos são uns sem vergonhas
Que apalpam o traseiro das senhoras
Que espiam pelas fechaduras dos banheiros
E são postos a pontapés fora das festas.

Leandro:

Meus amigos são uns folgados
Que mijam no meio dos caminhos
Respondem sem que lhes perguntem
E apostam sem ter dinheiros

Gus:

Minha santa mãe
Dizia:



LOUCURA

Todos:

‘Cuidado, Juanito,
com as más companhias’

Bia:

Por isso é que meus amigos
Os meço com uma vara lisa
E os tenho muito queridos,
São o melhor de cada casa.

Sofia:

Meus amigos são uns malfeitores.
Convictos de apanhar sonhos no ar.
Que aplaudem quando o sol nasce.
E me abrem seus corações como as flores.

Lili:

Meus amigos são sonhos imprevistos.
Que buscam suas pedras filosofais,
Vagando por sórdidas periferias
Onde descem os deuses sem serem vistos.

Todos (*para plateia*):

Meus amigos são pessoas atenciosas
Que acodem quando sabem que eu espero.
Se lhes roça morte, disfarçam.
Pois para eles a amizade vem primeiro⁷⁵¹.

Gus:

O trono está vago. Não há mais trono!

FIM



Notas

¹ Aula-teatro 10 do Nu-Sol. Pesquisa de texto por: Acácio Augusto, Aline Santana, Anamaria Salles, Andre Degenszjan, Beatriz Scigliano Carneiro, Cecília Oliveira, Edson Passetti, Eliane Knorr, Gustavo Ramus, Gustavo Simões, Heliana Conde (convidada), Leandro Siqueira, Lúcia Soares, Luíza Uehara, Salete Oliveira, Sofia Osório e Thiago Rodrigues. Apresentações em 17 e 18 de outubro de 2011, no teatro *Tucarena* PUC-SP. Em aula-teatro não há personagens; optou-se por manter os nomes e apelidos dos pesquisadores: Acácio Augusto, Aline Santana, Andre Degenszjan, Beatriz Scigliano Carneiro (Bia), Cecília Oliveira, Eliane Knorr (Lili), Gustavo Ramus (Cabelo), Gustavo Simões (Gus), Leandro Siqueira, Lúcia Soares, Salete Oliveira, Sofia Osório e Talita Vinagre (convidada). Produção gráfica: Andre Degenszjan. Música em cena: composição e execução de Gustavo Ramus. Iluminação: Wagner Antônio (convidado). Adereços: Beatriz Scigliano Carneiro. Sonofonia: Vitor Osório (convidado). Preparação corporal: Talita Vinagre (convidada). Instalação eletrônica e acompanhamento de luz: Luíza Uehara. Coordenação e ambientação: Edson Passetti.

² Nikolai Gogol. “Diário de um louco” in *O capote e outras histórias*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo, Editora 34, 2010, pp. 63-65.

³ Idem, pp. 68-69.

⁴ Ibidem, p. 72.

⁵ Lima Barreto. “O cemitério dos vivos” in Augusto Massi & Murilo Marcondes de Moura (org.). *Diário do hospício; O cemitério dos vivos*. São Paulo, CosacNaify, 2010, pp. 210-212.

⁶ Depoimento de Jonas, Caderno de notas de Beatriz S. Carneiro sobre visitas ao Manicômio Judiciário de Franco da Rocha - São Paulo, 10/11/1983.

⁷ Anotação marginal do caderno de notas de Beatriz S. Carneiro sobre uma visita ao Manicômio Judiciário - São Paulo, 10/11/1983.

⁸ Lewis Carrol. *Alice no país das maravilhas*. Tradução de Nicolau Sevcenko. São Paulo, CosacNaify, 2009, p. 75.

⁹ Enrique Vila- Matas. *Suicídios exemplares*. Tradução de Carla Branco. São Paulo, CosacNaify, 2009, p. 11.

¹⁰ Max Stirner. *O único e a sua propriedade*. Tradução de João Barrento. São Paulo, Martins Fontes, 2009, pp. 58-63.



LOUCURA

- ¹¹ Michel Foucault. *História da loucura na idade clássica*. Tradução de José Teixeira Coelho Netto. São Paulo, Perspectiva, 1987, pp. 8-14.
- ¹² Idem, pp. 11-12.
- ¹³ Michel Foucault. “A loucura e a sociedade” in *Ditos & escritos I: problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. Tradução Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro, Forense, 2006, p. 261.
- ¹⁴ Stela do Patrocínio. *Reino dos bichos e dos animais é meu nome*. Rio de Janeiro, Azougue Editorial, 2001, p. 52.
- ¹⁵ Idem, p. 51.
- ¹⁶ Michel Foucault. *O poder psiquiátrico*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo, Martins Fontes, 2006, pp. 322-323.
- ¹⁷ Cantiga de domínio público.
- ¹⁸ Idem, p. 194.
- ¹⁹ Michel Foucault. *Os anormais*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo, Martins Fontes, 2002, p. 194.
- ²⁰ Idem.
- ²¹ Adaptado de César Lombroso *Los anarquistas*. Segunda edición cibernética, Setembro 2006. Captura y diseño: Chantal López y Omar Cortés. Disponível em: http://www.antorcha.net/biblioteca_virtual/derecho/lombroso/10.html.
- ²² Michel Foucault, 2002, op. cit., pp. 176-194.
- ²³ Dalton Trevisan. “Água pelando” in *A desgracida*. Rio de Janeiro, Record, 2010, p. 145.
- ²⁴ Dalton Trevisan. “A chupeta” in 2010, op. cit., p. 53.
- ²⁵ Thomas Bernhard. “Demais” in *O imitador de vozes*. Tradução de Sergio Tellaroli. São Paulo, Companhia das Letras, 2009, p. 44.
- ²⁶ Roberto Freire. *Os cúmplices*. São Paulo, Sol & Chuva, 1996, p. 181.
- ²⁷ Acácio Augusto. *Cartas intactas: a força que a prisão não aniquila*. Texto da exposição Memórias da Ditadura e a Coragem da Verdade: Correspondências de presos políticos. Nu-Sol/Museu da Cultura/PUC-SP/Grupo Tortura Nunca Mais 12 de abril – 14 de maio 2010.



- ²⁸ Edson Passetti. *Nise*, vídeo documentário, 1992.
- ²⁹ Enrique Vila-Matas, 2009, op. cit., pp. 135-136.
- ³⁰ Idem, p. 143.
- ³¹ Ibidem.
- ³² Gilles Deleuze & Claire Parnet. *Diálogos*. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo, Escuta, 1998, pp. 100-101.
- ³³ Michel Foucault, 2006, op.cit., p. 210.
- ³⁴ Gilles Deleuze. “*Post Scriptum* das sociedades de controle” in *Conversações: 1972-1990*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo, Ed. 34, 1992, pp. 219-220.
- ³⁵ Michel Foucault, 2006, op. cit., pp. 322-323.
- ³⁶ Gilles Deleuze, 1992, op. cit., pp. 219-220.
- ³⁷ Idem.
- ³⁸ Grito de guerra do folguedo caboclinhos, Casa 7 flechas.
- ³⁹ Enrique Vila-Matas. *Doutor Pasarevento*. Tradução de José Geraldo Couto. São Paulo, Cosac Naify, 2009, p. 115.
- ⁴⁰ Edson Passetti. “Poder e anarquia. Apontamentos libertários sobre o atual conservadorismo moderado” in *verve*, Nu-Sol, n. 12, 2007, p. 28.
- ⁴¹ Grito de guerra do folguedo caboclinhos, Casa 7 flechas.
- ⁴² Torquato Neto. *Torquatália: do lado de dentro*. Rio de Janeiro, Rocco, 2004, p. 324.
- ⁴³ Enrique Vila-Matas, 2009, op. cit., p. 367.
- ⁴⁴ Antonin Artaud. *Van Gogh, suicidado pela sociedade*. Tradução de Fred Teixeira. Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/banco/antonin-artaud-van-gogh-suicidado-pela-sociedade>.
- ⁴⁵ Antonin Artaud. “Carta aos Médicos-chefes dos Manicômios” in *Escritos de Antonin Artaud*. Coleção Rebeldes Malditos, nº 5. Tradução de Cláudio Willer. Porto Alegre, L&PM, 1983, p. 30.
- ⁴⁶ Stela do Patrocínio, 2001, op. cit., p. 65.



LOUCURA

⁴⁷ Roberto Bolaño. *Os detetives selvagens*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo, Companhia das Letras, 2006, pp. 309-310; 381.

⁴⁸ Edson Passetti, 2007, op. cit., pp. 15-16.

⁴⁹ Mario Vargas Llosa. *O paraíso na outra esquina*. Tradução de Wladir Dupont. São Paulo, Arx, 2006, pp. 76-80.

⁵⁰ Gilles Deleuze. *O Abecedário de Gilles Deleuze*. Paris: Montparnasse, 1988-1989. Transcrição disponível em: <http://www.oestrangeiro.net/esquizoanalise/67-o-abecedario-de-gilles-deleuze>.

⁵¹ Juan Manuel Serrat, “Las malas compañías”. Tradução de Edson Passetti.



10 que 10 que

aula teatro 10 do nu-sol

17 e 18 de outubro - 19h23

tucarena - puc-sp [retirada de ingressos às 18h27]

r. monte alegre, 1024 - entrada pela r. bartira

